



Universidade do Minho
Instituto de Educação - DEEC

Coordenadores:
Fernanda Leopoldina Viana | Rui Ramos | Eduarda Coquet | Marta Martins



8º Encontro Nacional - 6º Internacional - de Investigação em
Leitura, Literatura Infantil & Ilustração.

CIEC-UM | 9 e 10 de Julho de 2010

Atas

Título:

**Atas do 8.º Encontro de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração.
Investigação e prática docente.**

Edição:

Centro de Investigação em Estudos da Criança - Universidade do Minho

Coordenação:

Fernanda Leopoldina Viana, Rui Ramos, Eduarda Coquet e Marta Martins

Data:

Novembro de 2011

Composição e paginação:

Pedro Viana da Silva e Sara Brandão

Capa:

Eduarda Coquet

Logotipo do Encontro:

Gil Maia

ISBN: 978-972-8952-18-1



Coelho, L. (2011). Artes em correspondência. Os artefactos de recepção infantil na Ilha da Madeira. In F. Viana, R. Ramos, E. Coquet & M. Martins (Coord.), *Atas do 8.º Encontro Nacional (6.º Internacional) de Investigação em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração* (pp. 375-400) Braga: CIEC- Centro de Investigação em Estudos da Criança da Universidade do Minho (CDRom - ISBN 978-972-8952-18-1).

Artes em correspondência. Os artefactos de recepção infantil na Ilha da Madeira

Leonor Martins Coelho

Centro de Estudos Comparatistas - Universidade da Madeira
leomc@uma.pt

Resumo

Na Ilha da Madeira, a produção literária de recepção infantil volta a florescer com Maria Aurora Carvalho Homem (escritora, jornalista e divulgadora cultural) e Francisco Fernandes (escritor e político). Os livros desses autores dirigem-se a crianças cada vez mais habituadas à recepção de textos icónicos (pintura, publicidade, desenho, etc.). Não será, pois, de estranhar a colaboração profícua com ilustradores que, mais do que simples “adornadores”, se tornam também eles fazedores de histórias. Dar-se-á particular relevo a alguns ilustradores, nomeadamente: Sónia Cântara, Abigail Ascenso, Luísa Spínola, Filipa Pereira, Helena Berenguer, David Monteiro, Elisabete Henriques e José Nelson Pestana Henriques. Na correspondência das linguagens – textual e icónica –, pautados, por conseguinte, pela beleza da língua, pelo policromático das ilustrações, pela força da imagem, os livros de Maria Aurora Carvalho Homem e de Francisco Fernandes reúnem os elementos necessários no percurso da construção afectiva e relacional de um destinatário jovem e curioso.

Abstract

In Madeira, literary production at youth reception reflowerishes with Maria Aurora Carvalho Homem (writer, journalist and cultural publicist) and Francisco Fernandes (writer and politician). Books from these authors are directed to children who are acquainted to iconic texts (painting, publicity, drawing, etc.). So, it is important to mention the collaboration of illustrators who, more than mere decorators, become story makers. Special relevance will be given to some illustrators: Sonia Cântara, Abigail Ascenso, Luisa Spínola and Filipa Pereira, Helena Berenguer, David Monteiro, Elisabete Henriques and José Nelson Pestana Henriques. The correspondence between languages – textual and iconic – marked by the beauty of the language, by the polychromatic illustrations and by the power of the images, present in Maria Aurora Carvalho Homem and Francisco Fernandes's books contain the necessary elements in order to build and affective and relational path with young and curious readers.

Agora que sabia ler, ainda gostava mais de livros, com histórias e aventuras. Dantes, lia as histórias apenas através das ilustrações que, quando eram bem-feitas, contavam a história tão bem como as letras, pensava.

Francisco Fernandes, in
Alguém avisou o Pai Natal?

Introdução

A abordagem deste trabalho centrar-se-á não só na análise da obra publicada de Maria Aurora Carvalho Homem e de Francisco Fernandes, como também na divulgação de ilustradores que se têm destacado nas suas parcerias com os autores. Sónia Cântara (três livros ilustrados), Abigail Ascenso, Elisabete Henriques e José Nelson Pestana Henriques (cinco livros ilustrados) colaboraram com Maria Aurora. Por sua vez, Francisco Fernandes recorreu às ilustrações de Janine Ramos Fernandes (quatro livros ilustrados), Luísa Spínola, Filipa Pereira (ambas com duas intervenções), Helena Berenguer, David Monteiro e Sílvia Neto Gonçalves. Numa (quase sempre) estreita relação de interdependência entre texto/imagem, ambos os códigos se complementam, produzindo uma obra literária única e apelativa.

Assim, numa época da “civilização da imagem”, como sugerido por Italo Calvino (1995, 157), na correspondência das linguagens – textual e icónica –, pautados, por conseguinte, pela beleza da língua e pela força da imagem, os livros de Maria Aurora Carvalho Homem e de Francisco Fernandes reúnem os elementos necessários no percurso da construção artística, afectiva e relacional de um destinatário jovem e curioso, atraído, sobretudo, pela estética da linguagem icónica. Neste sentido, Jesús Díaz Armas (2008) referiu que *“la ilustración há llegado a ser tan importante en la literatura infantil que prácticamente ningún aspecto puede tratarse sin tenerla en cuenta: temas, tópicos, símbolos, enfoques, proceso de lectura, recepción de la obra”* (p. 46)

Partilhamos, ainda, a leitura de Luís Camargo (2003) ao sublinhar que “muito mais do que *ornar* ou *elucidar* o texto, a ilustração pode [...] representar, descrever, narrar, simbolizar, expressar, brincar, persuadir, normatizar, pontuar, além de enfatizar sua própria configuração, chamar atenção para o seu suporte ou para a linguagem visual”

Se considerarmos, ainda, como referido por Nelly Novaes Coelho (1995), que a literatura infanto-juvenil se interessa, cada vez mais, pelo “experimentalismo, com a linguagem, com a estrutura narrativa e com o visualismo do texto” (p. 63), podemos então sublinhar que também os livros destes autores se revestem desse aliciamento

gráfico e visual essencial para captar a atenção de um leitor jovem, seduzido pelos efeitos da iconicidade.

Maria Aurora: mundo(s) em converso

Os textos dirigidos a crianças têm um público cada vez maior, revelando novos impulsos dentro de uma literatura compósita, de “fronteiras algo fluidas”, como nos recorda Carlos Reis (1995), mas com destinatários cada vez mais atentos, tal como sugerido por estudiosos da matéria, à semelhança de Juan Cervera (1991) ou de Cármen Bravo-Villasante (1989). A produção contínua de Maria Aurora Carvalho Homem vem, pois, confirmar que a literatura infantil conquistou um espaço cultural na Ilha da Madeira com livros que convidam à aceitação da Diferença, à preservação do ambiente, à defesa de tradições insulares de modo a contrariar a globalização galopante.

Em *Vamos Cantar Histórias...*, projecto publicado em 1989, Maria Aurora – como ficará conhecida no meio cultural madeirense – imprime às pequenas narrativas uma visão pedagógica e relacional, no que concerne às culturas marginalizadas, designadamente a do mundo circense em “*A menina do trapézio*” e a do mundo cigano em “*A.E.I.O.U.*”. Por sua vez, “*A raposa e o cordeiro*” é uma fábula da contemporaneidade que valoriza a convivência intercultural. “*Aconteceu Primavera*” desperta o jovem leitor para a liberdade e para o respeito pela biodiversidade. Finalmente, “*A ilha, o cisne e o mar*” respeita a vocação e a identidade de cada ser, através de exemplos retirados do mundo animal.



Figura 1

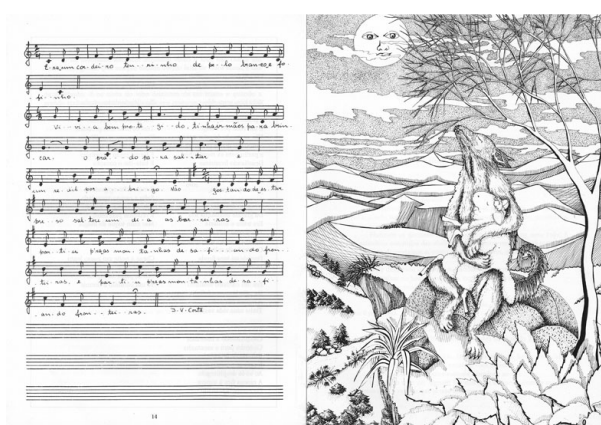


Figura 2

Este primeiro artefacto reúne cinco textos e cinco letras de canções de autoria de Maria Aurora, quinze ilustrações de Glória Martins e, ainda, três partituras de Victor Costa, João Atanásio e Ricardo Câmara. Ao prazer do texto soma-se, assim, o deleite do jogo visual, quer pelo grafismo a preto e branco do desenho a tinta-da-

china, quer pela configuração da própria pauta. Neste projecto gráfico plural, a escritora soube, pois, rodear-se de experiências das mais variadas linguagens.

Os livros de Maria Aurora posteriormente materializados pelo editor Manuel Reis (Editoras Ausência e 7dias 6noites) caracterizam-se por um cuidado notório no que concerne à qualidade do artefacto, em termos literários e estéticos. Sem incorrer na infantilização excessiva que tende a marcar o livro para um público jovem (Riscado, 2002, 119), *Juju, a tartaruga* desvenda não só uma grande preocupação ambiental, como também uma amizade salutar entre o pequeno João e a tartaruga, vítima de um derrame de óleo ao largo de Porto Santo. Perante a predominância do texto linguístico, há que destacar, pois, a força da imagem.

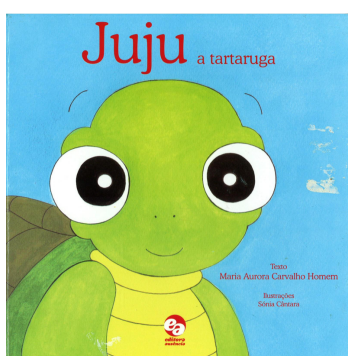


Figura 3

Consentâneo com a estória verbal, o jogo cromático da ilustradora, Sónia Cântara, contribui para que a obra seja mais apelativa do que a primeira edição ilustrada por Maurício Fernandes, apresentada na Figura 4:

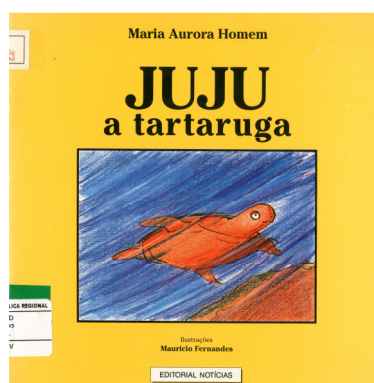


Figura 4

Loma, o lobo-marinho foca igualmente o tópico do respeito do ambiente saudável, ao descrever a história de uma simpática foca monge que gosta de viver em furnas para se proteger dos perigos do mar e dos homens.

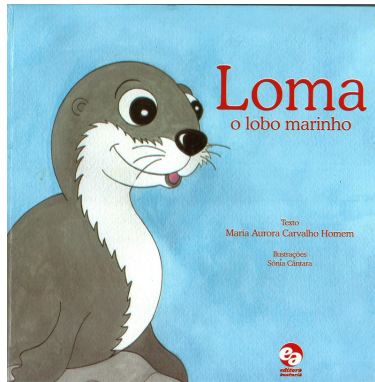


Figura 5

Sónia Cântara destacou nestes dois trabalhos os principais elementos simbólicos das estórias. Apesar da aparência simples e infantil, a representação plástica é de grande expressividade e vários elementos concorrem para imprimir movimento às imagens: o contraste da cor, exaltado pelo azul que ocupa as páginas do livro, e a ondulação no traço que desenha os elementos naturais do texto (animais, praia e/ou areia). O visualismo gráfico bem conseguido pela ilustradora rege-se, efectivamente, por carinhosas e expressivas personagens que alimentam esse mundo afectivo que vai unir os dois protagonistas: no primeiro livro, Juju e João; no segundo, Loma e Juju, a tartaruga reencontrada.

Por sua vez, *Zina, a baleia azul* apresenta uma narrativa mais extensa do que a dos livros anteriores. Uma menina/ narradora irá recordar a prática da caça à baleia nos mares do Caniçal, através da estória de uma baleia e da sua cria. Com o seu olhar suplicante, Zina comove o velho arpoador e este acaba por deixá-las seguir rumo às Desertas.



Figura 6



Figura 7

O processo de ilustração é diferente em relação aos dois trabalhos anteriores. Sónia Cântara produz, aqui, um invulgar diálogo entre texto/imagem, ao recorrer à técnica da colagem e computador. Com efeito, as ilustrações combinam em dupla página imagens reais de uma ilha fotografada com as personagens desenhadas. O design gráfico parece recuperar, deste modo, a retórica e a pragmática do documentário.

Maria Aurora tende a valorizar e preservar a memória de uma cultura local, prestes a ser descurada com a uniformização de códigos e práticas sociais. Note-se que ela se apresenta, quase sempre, como responsável pela transmissão de valores de uma comunidade. Assim, em *A escadinha para o menino Jesus*, serão sublinhados os elementos tradicionais ligados à celebração do Natal na ilha da Madeira. Nesta quadra, à semelhança de outras localidades da ilha, a Festa (nome que se atribui às comemorações natalícias) é vivida plenamente, como comprovado pela preocupação de João. O protagonista pertence a uma família numerosa, de poucos recursos. Por razões económicas, os pais não podem comprar a figura do Menino Jesus para adornar a sua “escadinha”. Ora, numa região onde o sentimento religioso impera, o milagre parece acontecer e João entrevê um menino cheio de luz no topo dos socalcos da Achada, que prefigura uma “escadinha” natural.

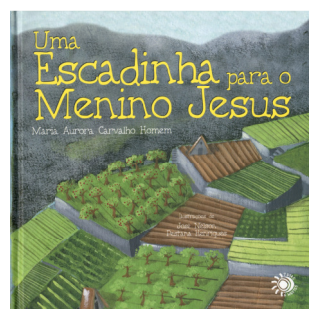


Figura 8

Se considerarmos, como referido por Cristina Biazetto (2008) que “a ilustração não referencia somente os espaços do texto: ela reflecte todo um universo e um modo de ver particular do ilustrador, que imprime em seu trabalho o seu conhecimento e sua experiência” (p. 75), poder-se-á então afirmar que Nelson Pestana imprimiu um virtuosismo cromático a esta série de ilustrações e que a sua sensibilidade pessoal desvenda o universo insular de forma deveras artística. Diz-nos Cristina Biazetto que “a cor e outros elementos visuais podem contribuir para a criação de uma ilustração que desperte a atenção, comunique e emocione o leitor” (*ibid.*). Assim, pela cor, pela técnica e pela originalidade, este trabalho revela que “ilustração de alto nível significa arte de alto nível”, como sublinha a ilustradora checa Kveta Pacovská (2005, aquando da Bienal Internacional de Ilustração para a Infância, ocorrida no Barreiro).

O Anjo Tobias e a rochinha de Natal (re)introduz o leitor no campo do maravilhoso cristão. Com efeito, neste livro a autora dá ênfase a um ser celestial, algo distraído. Contudo, pela consideração, amor e respeito que os mais novos lhe inspiram, outra “estória” é construída paralelamente, evidenciando a paciência e a ponderação do pequeno André. Contrariamente ao desassossego do Anjo Tobias, André mostra como se deve proceder à feitura da “rochinha”, construída com todos os elementos “obrigatórios” da ilha da Madeira: vilões, amolador de tesouras, homem do leite, padeiro, lavadeira, grupo de bordadeiras e de borracheiros.

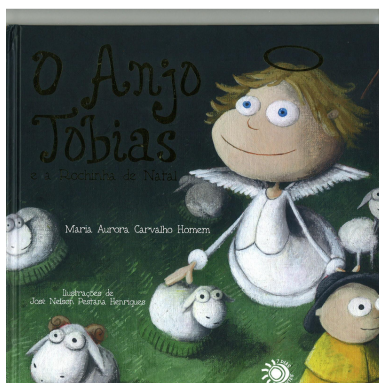


Figura 9

À semelhança do que acontece com as suas colaborações, numa *mise en page* verdadeiramente atractiva, Nelson Pestana vem, pelo seu modo pessoal e intransmissível, demonstrar que é um valor seguro na arte de ilustrar. Ele vai, assim, ao encontro da ideia defendida por outros ilustradores conceituados, à semelhança de Monika Deppert (1985), ao referir que, “para poder dibujar un pedazo de realidad, tengo que vivirla y sentirla” (p. 5). Com efeito, quer pelas reiterações de cor vibrante

com os seus diferentes matizes, quer pelo carácter lúdico e alegre de todas as personagens desenhadas, o ilustrador encanta pela profusão dos ritmos traçados, sem, todavia, ser de uma exuberância disfórica. Nos dois livros acima mencionados, estabelecendo-se um pacto entre o texto e o leitor, a função antecipadora das imagens da capa mostra, desde logo, que se trata de um tempo natalício e que a acção vai decorrer na Ilha da Madeira.

A obra de Maria Aurora desvenda particularismos insulares, ilustrando os concelhos da região. Com efeito, a valorização do património natural e humano da “sua” ilha será sempre uma preocupação na escrita desta autora. Das verdejantes paisagens de Porto Moniz à magnífica baía de Câmara de Lobos, os seus livros pretendem incutir o gosto do conhecimento da ilha que a adoptou há mais de trinta anos (ela nasceu no continente, perto de Viseu). Para acompanhá-la neste percurso, ela contou com três ilustradores: Nelson Pestana ilustrou *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva*, *A Cidade do Funcho*, *Pedro Pesquito e a Câmara dos Lobos* e *Marta, Xispas e a gruta misteriosa*; Elisabete Henriques ambientou a *Fada Íris* numa *Floresta Mágica*; Abigail Ascenso deu forma e cor à *Maria* e à *Estrela-do-Mar*.

A fada Ofélia e o Véu da Noiva apresenta uma gota de água que se transforma numa belíssima fada. Provida de uma curiosidade ímpar, ela inaugura uma viagem até ao mar, abandonando o seu paul natal. Surge então uma outra história – técnica recorrente nesta escritora –, permitindo descobrir o mundo de Pedro, acarinhado por um avô sonhador e sábio que iniciou o neto nas estórias de fadas e duendes. Pedro trava conhecimento com a Fada Ofélia e como ela continua a sonhar com o sentimento de pertença a outros mundos. O protagonista irá proporcionar-lhe a concretização deste desejo de comunhão entre o mar e a terra, como comprovado pela verticalidade impressa no véu da noiva (nome de uma queda de água na Ilha da Madeira).

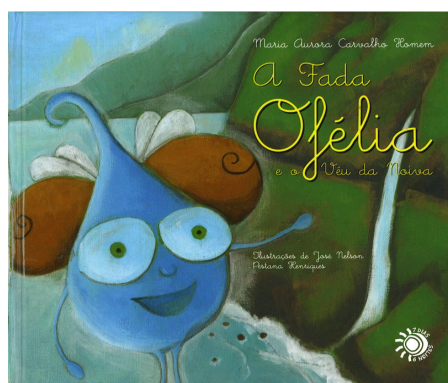


Figura 10

Em *A Cidade do Funcho. A Viagem de João Gonçalves da Câmara*, a escritora partilha a memória dos descobrimentos. Em vez de a tónica recair apenas nos feitos de João Gonçalves Zarco, o livro irá focalizar o deslumbramento do pequeno João e o seu receio numa deslocação perigosa até ao Funchal. A autora sintetiza o povoamento da ilha com uma real preocupação nos dados, recorrendo à colaboração com o historiador Nelson Veríssimo.



Figura 11

As imagens acompanham o texto verbal, quer através da sequência narrativa que o ilustrador Nelson Pestana imprime às suas ilustrações, quer do jogo com a escrita e da reiteração de formas, cores e linhas que, sem ficarem presas a uma equivalência absoluta com o texto inicial, acompanham-no, sem dele se desviarem. Veja-se que a função actualizadora da ilustração permite recriar um passado determinado: as roupagens e os diferentes elementos permitirão que o jovem leitor se situe nessa localização pretérita.

Em *Pedro Pesquito e a Câmara dos Lobos*, valoriza-se a faina do mar e as experiências formadoras do jovem protagonista. Pedro aventura-se numa gruta onde irá travar amizade com um divertido lobo-marinho. Por ele será salvo, numa tarde de maré cheia. O petiz jura então guardar segredo desse lugar para proteger esta espécie em vias de extinção.

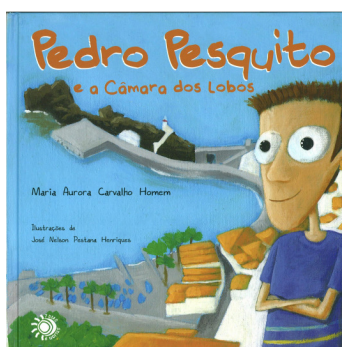


Figura 12

Em *Marta, Xispas e a Gruta Misteriosa*, a história reenvia-nos para o norte da ilha da Madeira. O Chão dos Louros, o Rosário e São Vicente são os cenários escolhidos pela autora para desenrolar as aventuras de Marta e do seu fiel amigo, aquando das férias passadas nessas paragens verdejantes. A Natureza é aqui luxuriante: vinháticos, loureiros, castanheiros e, sobretudo, orquídeas, gerânios recordam-nos que esta ilha é, em termos de divulgação turística, considerada um jardim. O desaparecimento misterioso do cão Xispas permite descobrir uma caverna secreta. Os dois protagonistas encontram-se num canal de lava, recordando assim ao leitor que a Madeira é de formação vulcânica. Perante a curiosidade de Marta, ao pai só lhe resta prometer levá-la às grutas de São Vicente, abertas ao público em 1996.

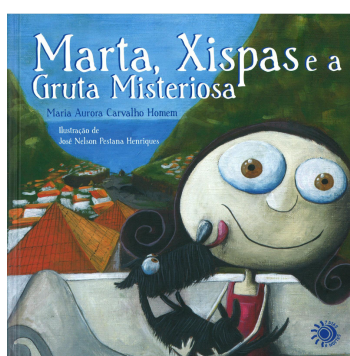


Figura 13

A parceria entre Maria Aurora e Nelson Pestana resultou de forma exemplar. Oriundo da ilha da Madeira, o ilustrador, numa paleta mais escura do que nos trabalhos anteriores, soube captar, traduzir, expressar e “brincar” com espaços e culturas que conhece bem. Esta coerência inter-semiótica conseguida pelos dois co-autores não contradiz Leda de Oliveira (2008), quando tece a seguinte analogia:

“da mesma maneira que um projecto de uma casa não se limita a uma ideia de casa, mas sim à ideia de um “morar” dentro de uma forma particular de disposição de espaços e ambientes, assim também o projecto gráfico de um livro propõe os seus espaços, compostos por textos e imagens, e constrói um ambiente a ser percorrido” (p. 49).

Em *A Fada Íris e a Floresta Mágica* (re)valoriza-se a Laurissilva e sensibiliza-se, assim, o leitor para assuntos de índole ambiental. A fada Íris deverá proteger os ovos de um par de pombos torcazes contra as ameaças dos francelhos e das mantas (nomes que na Madeira se dá a aves de rapina). A fada adopta, pois, a protecção da natureza, defendendo a Harmonia e o Equilíbrio. O jovem leitor descobre a biodiversidade da ilha da Madeira: vinháticos, tis e loureiros. Percorre, ainda, a levada

que o levará até à cascata das 25 fontes, situada perto do Rabaçal. Note-se a participação do geólogo Raimundo Quintal e a inclusão de um glossário, no final do livro, ensinando ou reavivando um vocabulário preciso, ilustrando a função pedagógica que a escritora nunca descarta.

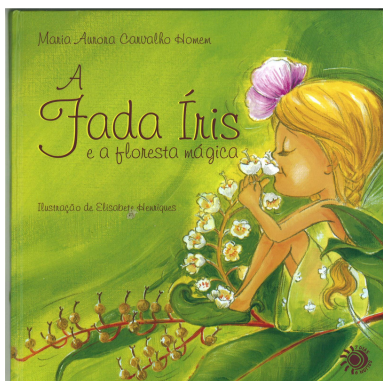


Figura 14

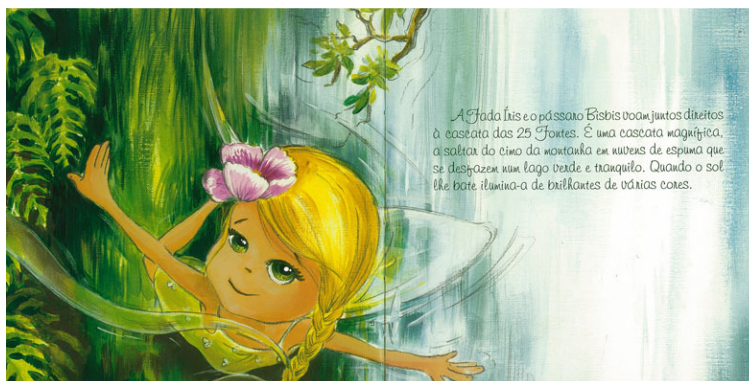


Figura 15

Numa colaboração simbiótica entre a autora e a ilustradora, numa combinação cromática formosa, as excelentes ilustrações de Elisabete Henriques fazem “sonhar” o texto, como diria Isabelle Jan. Se considerarmos, como sugerido por Teresa Colomer (2002), que os ambientes cálidos predispõem a partilhar a afectividade e a intimidade (p. 32), então há que destacar a evolução dos ambientes, sugerida por um domínio de cor e de nuances de tons verdes e ocres, ilustrando, assim, uma perfeita sintonia com a paisagem desenhada. Com efeito, sem quebrar a unidade do seu trabalho plástico, a ilustradora transpõe para as ilustrações um cruzamento de mundos diferentes: o mundo da magia, do irreal, da fada Íris e o mundo real, do natural paisagístico, da Laurissilva.

Muito embora Luís Camargo sublinhe que a ilustração sofre, por vezes, por limitações económicas e editoriais, este livro, à semelhança dos livros editados pela 7 dias 6noites, revela, antes, uma aposta na riqueza do projecto gráfico. Assim, esta ilustração feminina, sensível e onírica permitirá à criança entrar no mundo da Arte. É que, quer a escolha do formato e o tipo de impressão, quer a quantidade de texto em cada página e a beleza da ilustração “interferem no modo de construir um todo, essa proposta de leitura chamada livro” (Camargo 2008, p. 50).

A ilha de Porto Santo não foi esquecida por Maria Aurora Carvalho Homem. *Maria e a Estrela-do-Mar* convoca a geografia da ilha: o Ilhéu da Cal, o Pico Castelo e o Pico Ana Ferreira. Esta narrativa é, talvez, um hino ao poder de deslumbramento da infância, pois narra as aventuras da pequena Maria, figura inspirada numa neta da escritora, perto do hotel Luamar, situado na ilha dourada. Nesse mundo travesso,

curioso e meigo, compreende-se que a pequena Maria fale com uma estrela Polar, sugerindo que este espaço tranquilo e acolhedor é o lugar ideal para que a Deusa Cruzeiro do Sul dê à luz. Foi talvez a forma que a protagonista encontrou para que a Estrela-do-Mar, encontrada na praia, se junte aos seus semelhantes, reencontrando o caminho para casa.

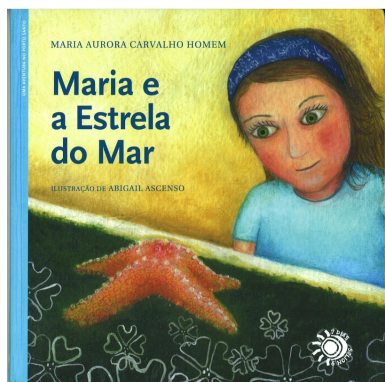


Figura 16



Figura 17

A *mise en page* difere dos ilustradores que colaboraram com a escritora. De facto, uma página é composta pela ilustração; a outra, anterior, comporta o segmento textual. O que resulta num álbum claro para os leitores mais novos. A paleta de Abigail Ascenso, que oscila, por um lado, entre o ocre, amarelo e dourado e, por outro, entre o azul celeste, contrasta de forma nítida com o branco da página do texto, tornando estas imagens um verdadeiro estímulo pictórico para a criança.

Francisco Fernandes: problemáticas da educação

Poder-se-á dividir a obra de Francisco Fernandes em quatro categorias: os textos que, incidindo sobre valores de cidadania e sobre problemáticas ambientais, se conformam na preservação dos equilíbrios essenciais à biodiversidade; aqueles que revelam a importância da educação e a missão do indivíduo à escala global; os que fazem a apologia de práticas desportivas, corroborando a máxima *mens sana in corpore sanum*; finalmente, sem ter sido descurado na produção anterior, o último livro destaca, sobretudo, o reconhecimento intercultural. Assim, o escritor vai ao encontro de Carmen Bravo-Villasante (1989), para quem estes são os novíssimos temas da literatura destinada ao leitor mais jovem.

As várias estórias que constituem a série que tem como protagonista um Peixe, de escamas brilhantes, curioso e brincalhão, sublinham a amizade, o ambiente, a diferença e a liberdade. Auxiliando-se da fauna marítima, o autor afirmará o respeito e a solidariedade como princípios que devem reger a sociedade.

Este périplo inicia-se em 2003, quando Francisco Fernandes publica *Duas Estrelas-do-mar e um Peixe Prateado (Uma história de amizade)*. Duas estrelas vermelhas travam conhecimento com o peixe prateado, um ser curioso mas solitário. Perdido do seu cardume, ele irá encontrar a solução para ajudar as duas estrelas soterradas na areia pela força das ondas. A escrita vem, desde logo, revelar que o mundo pode reunir harmoniosamente múltiplas identidades e desenvolver a cultura do afecto.

Ainda nesse ano, sai *As Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado, juntos de novo! (Uma história sobre o ambiente)* que irá focar a problemática da poluição marítima. O peixe Prateado, pouco atento aos avisos dos seus amigos, só conseguirá sobreviver à mancha provocada por um petroleiro com a ajuda das duas Estrelas-do-Mar, da Lagosta Rosada e da Moreia Manchada.

Veja-se que *As Estrelas-do-mar e o Peixe prateado, encontram um amigo especial (Uma história sobre a diferença)* – 2004 – reenvia, de igual modo, para o tópico da preservação do ambiente. É de salientar, ainda, a história da aceitação da diferença relatada no encontro com um polvo, de cinco tentáculos, vítima da chacota do seu grupo. Será necessário encontrar os cinco amigos para perceber que tem lugar numa sociedade plural. Os polvos de oito tentáculos virão juntar-se a esta sociedade cada vez mais aberta, dialogante e jovial, provando que a diversidade faz a força e a renovação.

Publicado em 2006, *O Peixe Prateado reencontra o seu cardume* relata uma nova aventura do grupo de amigos. Contrariamente ao habitual, a apatia apodera-se do Peixe Prateado quando resolve ir procurar o seu cardume. Embora a separação seja dolorosa, as estrelas irão encorajá-lo a procurar a sua família. O primeiro encontro com o sisudo Cinza é constrangedor. Com efeito, é acusado pelo chefe do cardume de se ter afastado do grupo. O desentendimento entre a ordem castradora desempenhada pelo velho Cinza e a modernidade solar desempenhada pelo Prateado constitui, pois, o tópico central da narrativa. Contrariamente à mensagem obsoleta e limitativa repetida pelo Cinza, o jovem argumenta que a viagem é formação e que a curiosidade promove a aprendizagem. A actuação do Prateado chama a atenção dos Cinzentinhos, desejosos por descobrir o mar e aprender coisas novas. O Cinza acaba por se convencer da mais-valia da descoberta de outras paragens e mundos diversos, acompanhando, pois, os mais jovens, rumo ao desconhecido.



Figura 18

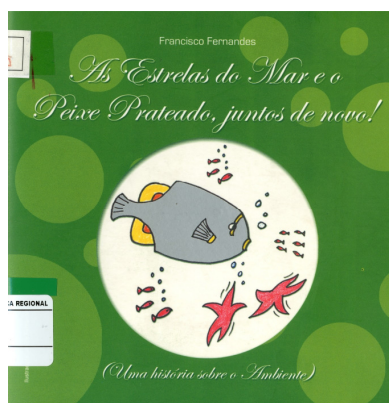


Figura 19



Figura 20

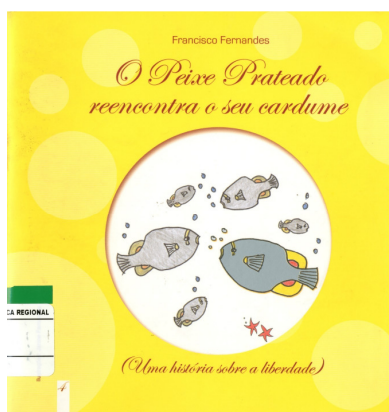


Figura 21

Os livros são acompanhados por um CD com as personagens das histórias a serem interpretadas pela Equipa de Animação do Gabinete Coordenador de Educação Artística. As ilustrações estão a cargo de Janine Ramos Fernandes e destacam-se as Músicas de Paulo Ferraz (*As Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado, juntos de novo!* e *As Estrelas do Mar e o Peixe prateado, encontram um amigo especial*) e de Ricardo Rodrigues (*O Peixe Prateado reencontra o seu cardume*).

Ao publicar *A estrela perdida* em 2006, o escritor consegue um belíssimo projecto gráfico, lúdico e apelativo, que conduz não só à fruição estética do artefacto, como também à valorização e entendimento da história contada. Não podemos esquecer que o material iconográfico – a linha, a cor, a tonalidade, a dimensão – actua eficazmente junto dos leitores mais jovens, ajudando-os a compreender a história narrada, reproduzindo, com efeito, o ambiente do texto, num processo de aproximação e recriação.

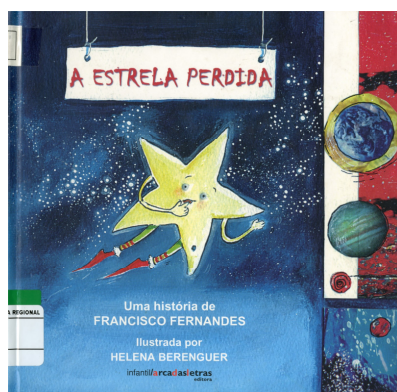


Figura 22

O funcionamento complexo do universo é explicado de forma adequada à idade do leitor sem que o rigor da informação seja descurado. Todos nós temos uma missão. Assim, a Estrela Polar irá aceitar a missão de revelar os caminhos aos marinheiros à deriva, aos exploradores perdidos nos desertos ou de qualquer homem mais “desnortado” num mundo em rodopio constante. Neste livro, recomendado pelo Plano Nacional de Leitura, as ilustrações em dupla página de Helena Berenguer vêm exaltar a estória de uma estrela que vagueia no céu estrelado até encontrar uma constelação.

O escritor publica *A história de Monakus* em 2006 com o patrocínio da Secretaria Regional do Ambiente e Recursos Naturais, da Empresa Porto Santo Line e do Arquipélago Verde.

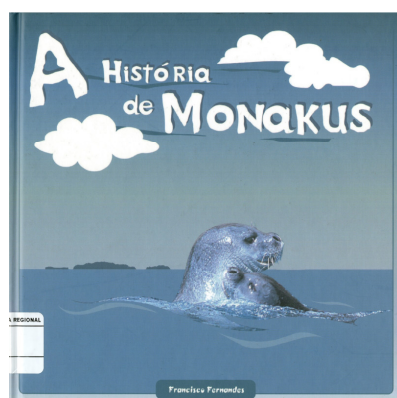


Figura 23

Dividido em duas partes, o livro relata, primeiramente, a matança histórica de lobos-marinhos perpetrada pelos primeiros habitantes, há cerca de 600 anos. Não obstante, este texto contraria a distopia, abrindo-se à esperança. Revela, pois, a forma corajosa como nesse tempo pretérito Monakus se desloca para a Deserta, conseguindo uma guarida segura para a sua família. A Castanha dará à luz a

Desertinha, homenageando, com esse baptismo, a nova morada. Na segunda parte do livro, o leitor irá encontrar a configuração de diálogos construtores quando a pequena colónia de lobos-marinhos será fotografada, estudada e protegida por vigilantes da Natureza. O design gráfico escolhido para a confecção do livro assemelha-se à foto-reportagem, o que confere, de algum modo, credibilidade à mensagem que o texto encerra. E, se pensarmos que as imagens fazem parte de um sistema de apoios, junto de outros elementos paratextuais que ajudam a criança a interagir com o texto realizando hipóteses de leitura, estas ilustrações ajudam, efectivamente, a sublinhar a mensagem do texto verbal: a defesa do meio ambiente deverá ser mais cuidada numa sociedade instruída e proactiva.

Luísa Spínola e Filipa Pereira ilustram profusamente em dupla página *O Diogo quer ser futebolista*. Editado pelas Edições Gailivro em 2007, este livro apresenta o pequeno Diogo seduzido pelo desporto-rei.

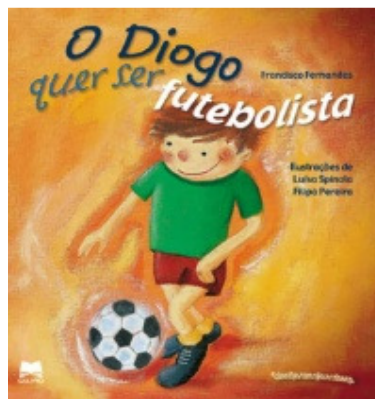


Figura 24

O texto virá ainda focar as sensações que este desporto suscita nos adeptos. O Diogo mostrará as habilidades ao pai que, prontamente, reconhece o jeito e o empenho do filho. Estabelecendo-se um óbvio paralelismo com a ascensão fulgurante do futebolista Cristiano Ronaldo, Diogo será então matriculado no clube da sua freguesia para que, de forma adequada e devidamente acompanhado por meninos da sua idade e por um treinador competente, venha a dar asas à sua imaginação e talento.

A apresentação, por vezes ondulante, das linhas do texto suscita um modo de leitura em movimento. A distribuição eufórica das cores, as formas rectilíneas e curvilíneas, grossas ou finas, misturadas em dupla página evoca agradavelmente sensações tácteis das texturas e dos volumes dos objectos desenhados. Se pensarmos, como refere Jesús Díaz Armas, que “*frente a ilustradores que prefieren el esquematismo, el dominio del trazo y el silencio (zonas en blanco, márgenes*

jenerosos), están los menos contenidos, que añaden información accesoria o acciones paralelas inexistentes en el texto” (2003, 2), poder-se-á dizer que as ilustradoras optaram por uma imagem abundante e o leitor será, certamente, seduzido por essa explosão policromática.

A Madalena descobre o basquetebol é um livro que vem explicar uma modalidade desportiva que requer perícia, agilidade e entusiasmo. Num livro ilustrado, de igual modo, pelo cromático chamativo de Luísa Spínola e Filipa Pereira, a estória retrata a pequena Madalena atraída por um desporto que cativa, cada vez mais, novos públicos.

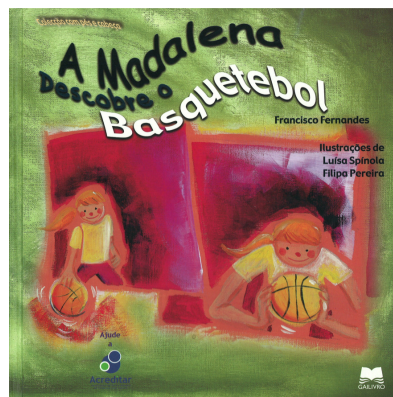


Figura 25



Figura 26

As ilustradoras optaram pela adição de aspectos que não faziam parte do texto linguístico. Não obstante, não romperam com a dependência texto/imagem. Por razões pedagógicas, narrativas e expressivas, elas irão oferecer mais informação do que é preciso, para assim captar a atenção de um destinatário curioso e traquina.

O João gosta do mar aborda algumas actividades náuticas que podem ser praticadas por quem, à semelhança dos insulares, vive junto do oceano. O texto refere, ainda, os pensamentos do avô do protagonista, que foi marinheiro em tempos idos. Todavia, o enfoque é dado ao oceano e às possibilidades que proporciona como lugar de convívio na prática salutar do desporto. Assim, algumas crianças divertem-se nos *optimist*, outras, mais crescidas, optarão pela vela ou pela condução dos solitários. Será, pois, dada ao João a oportunidade de descobrir os prazeres de velejar.

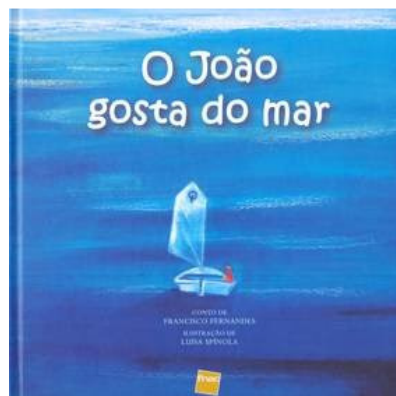


Figura 27

Desta vez, o livro prima pela sintonia que o azul imprime às ilustrações. Calma e serenidade são as características essenciais destas imagens ligadas ao mar.



Figura 28

Num registo diferente, *Alguém avisou o Pai Natal?* foca a agitação de uma família madeirense que muda de casa no dia de Natal. A pequena Catarina receia que o velho de barbas branquinhas não lhe possa oferecer os livros pedidos na carta que lhe enviara. Será o avô a tranquilizar a neta, garantindo-lhe que o Pai Natal

encontrará a sua nova morada. A 24 de Dezembro, Catarina encontrará uma caixa de madeira repleta de livros para preencher de magia as suas férias. Editado em 2007 pela Arca das Letras, este livro é ilustrado pelo traço humorístico, caricatural e estilizado de Raquel Leitão. Pelo ludismo da sua actuação, seria de esperar novas parcerias com autores da Madeira.

O sonho de Maria, ilustrado por David Monteiro, retrata as férias de Maria na praia de Porto Santo. Através dessa deslocação espacial, uma deslocalização temporal é operada para que se reavive a história do navegador Cristóvão Colombo. Com efeito, aquando dos seus primeiros passeios com a avó, Maria descobre a Casa de Colombo, uma casa-museu situada na baixa da Vila Baleira. Um sonho permite-lhe recuar até ao século XV para aí encontrar Diogo, o filho do navegador e de Filipa Moniz. Ao ser acordada pela avó, a pequena saberá que nessa noite poderá apreciar o desembarque de Colombo na ilha dourada, numa reconstituição histórica a cargo do grupo de actores do TEF (Teatro Experimental do Funchal), aquando da sua participação no Festival Colombo 2007.



Figura 29

O traço único deste ilustrador imprime uma certa austeridade ao livro. Contudo, também é esse esquematismo da linha que o torna peculiar.

Entre o real e a ficção, *Porque devo ir à escola?* apresenta o pequeno Francisco José, o alter-ego do escritor, que, pelas sábias lições da avó Adelaide, perceberá a importância da escola. Esta pode ser, de facto, impulsionadora de uma nova ordem, mais justa e actual. Se a cultura, por via da aposta numa educação eficaz e construtora de um mundo melhor, é adaptabilidade e transformação, a família do pequeno narrador/personagem também irá conhecer esse percurso ascendente e dinamizador de uma vida mais confortável. A avó Adelaide sabe que o futuro será outro para todos os que, não necessitando de descurar as tarefas domésticas ou os

trabalhos do campo, farão entrar a sociedade no Progresso e na civilização da Técnica.



Figura 30

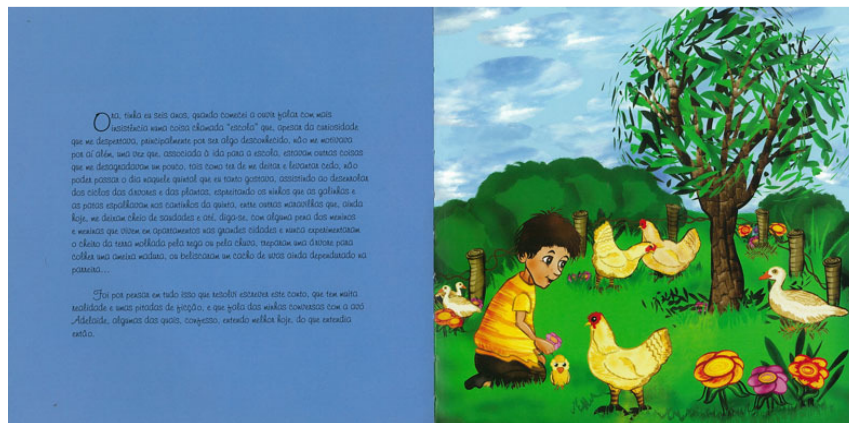


Figura 31



Figura 32

Refira-se, ainda, que as ilustrações de Sílvia Neto Gonçalves acompanham sabiamente os dois mundos, o mundo do campo pautado pela Natureza como dádiva

de Deus, e o mundo da escola, da aprendizagem, da amizade e do respeito para com o professor e colegas.

Finalmente, ao pactuarmos com a proposta de Natividade Pires (1996), para quem o livro é um fio condutor ideal que permite o relacionamento com o outro, poder-se-á referir que os livros de Francisco Fernandes são um meio fundamental de transmissão de valores, de reflexão e de compreensão sobre o nosso Presente, cada vez mais recíproco. Em todo o caso, são livros que vão ao encontro da reflexão de Isabelle Jan (1986), ao sublinhar que a literatura infantil contemporânea deve informar e integrar, apelando ao quotidiano que nela deverá estar representado.

Nesta linha de pensamento, e segundo Díaz-Aguado (2000), a perspectiva da interculturalidade permite promover o respeito pelo Outro e pela Diferença, resolvendo, não raras vezes, conflitos, controvérsias e discórdias. Portadora da diversidade cultural, a literatura infantil amplia, transforma e enriquece o ser humano, abrindo-lhes caminhos, contribuindo, pois, para o desenvolvimento de uma visão crítica construtora de renovadas realidades.

Assim sendo, a obra de Francisco Fernandes em geral, e o último livro, em particular, ilustra simultaneamente a Diferença, a Reciprocidade e a Interação. O escritor fomenta, pois, uma melhor capacidade de participação social, comunitária, geradora de um bem-estar que desenvolva a questão da cidadania, num combate a atitudes discriminatórias e disfóricas.

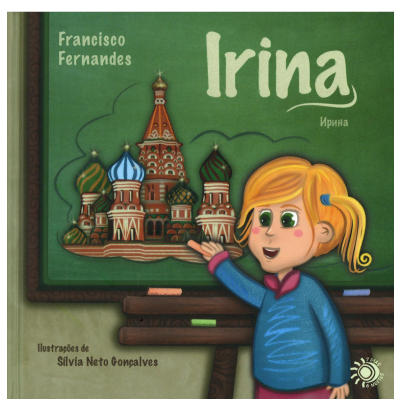


Figura 33

Assim, *Irina* reenvia para um contexto insular com marcas globais, decorrentes de movimentos migratórios, sobretudo vindos dos países de Leste. Numa Ilha aberta à diversidade cultural, essa realidade foi colocada à Professora Ana Luísa e aos seus alunos. Dessa feita, compreender-se-á que os alunos insulares e a menina russa vençam os receios e enveredem pela promoção da multiculturalidade salutar. Se pensarmos, tal como referido por Luís Camargo (2003), que a ilustração pode, entre

as várias funções que lhe atribui, ser representativa, descritiva, narrativa, expressiva e lúdica, dir-se-á então que a ilustração deste livro situa o cerne da questão, revela a mensagem e ressalta emoções representadas. Também aqui existe uma relação de convergência entre o visual e o verbal, uma vez que ambos os códigos sublinham a necessidade de apr(e)ender a cultura do Outro para um maior enriquecimento pessoal.

Corroborando a leitura de Carlinda Leite e Maria de Lurdes Rodrigues, defendemos, pois, que os livros de Francisco Fernandes, “a par de uma magia que transportam e do prazer que proporcionam, (...) veiculam também mensagens culturais que marcam positiva e/ou negativamente a formação da criança” (2001, 35). Ora, não podemos esquecer que Francisco Fernandes é, além de escritor, Secretário Regional da Educação e Cultura. Neste contexto, não admira que se sinta investido do dever humanista de defender os princípios da tolerância, da solidariedade e do respeito pelo outro junto dos mais novos.

Considerações finais

As obras destinadas a um público exigente e perspicaz têm vindo a ganhar terreno, quer quanto ao número de leitores e às editoras interessadas na sua divulgação, quer quanto à colaboração com ilustradores que empregam os mais variados recursos plásticos para, assim, participarem na qualidade artística do texto literário. A leitura visual não se restringe a descodificar os elementos narrativos. A imagem, à semelhança da escrita, também possui ritmo, contraste e dinâmica, que é preciso valorizar. Com efeito, desde a década de 70 até aos nossos dias, a ilustração não se resume a um papel subalterno em relação à obra. Pode completá-la ou até ressignificá-la (Coelho, 1991, 260).

Neste sentido, Eduarda Coquet (2002) sublinhou que:

“Texto e imagem são duas linguagens muito diferentes e completamente autónomas. No entanto, a dimensão das palavras, do texto que acompanha uma imagem, quer seja escrito e portanto visualizado, quer seja um texto só sugerido, tem uma importância fulcral na leitura e descodificação dessa imagem, pois eles (texto e imagem) se alimentam um do outro: as palavras engendram imagens e as imagens engendram palavras” (p. 179).

Jesús Díaz Armas sugere, ainda, que a “ilustração, cada vez más importante y necesaria acompaña a la palabra, pero no siempre para decir com ella, “ilustrandola”, sino también para completarla, contradecirla e, incluso, sustituirla”

(2008, 55). Podemos, no entanto, afirmar que não foi detectado nenhum caso de contradição ou até mesmo de substituição nas obras dos autores em análise. Com efeito, com menor ou maior intensidade, a parceria escritor/ilustrador resultou sempre numa relação de dependência salutar, quer pelo respeito que este último tem em relação ao escritor, quer por critérios editoriais que valorizam (ainda) a palavra, quer pelo estilo que o ilustrador cultiva para, assim, ser (re)conhecido no mercado do livro.

Numa interacção bem conseguida que conduz à fruição estética, os livros de Maria Aurora Carvalho Homem e de Francisco Fernandes, em parceria com os ilustradores convocados, reúnem, efectivamente, os elementos necessários no percurso da construção cultural, afectiva e relacional de um destinatário jovem e curioso.

Referências bibliográficas

Bibliografia activa

- Carvalho, M. A. (1989). *Vamos Cantar Histórias...*, Música de João Victor Costa, João Atanásio e Ricardo da Câmara; Ilustrações de Glória Martins. Funchal: Câmara Municipal.
- Carvalho, M. A. (2005). *Juju, a Tartaruga* (2ª Ed.). Ilustrações de Sónia Cântara. Vila Nova de Gaia: Ausência.
- Carvalho, M. A. (2005). *Loma, o Lobo-Marinho*. Ilustrações de Sónia Cântara. Vila Nova de Gaia: Ausência.
- Carvalho, M. A. (2007). *Zina, a Baleia Azul*. Ilustrações de Sónia Cântara. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2007). *Maria e a Estrela-do-Mar*. Ilustrações de Abigail Ascenso. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2008). *Uma Escadinha para o Menino Jesus*. Ilustrações de José Nelson Pestana Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2008). *A Fada Ofélia e o Véu da Noiva*. Ilustrações de José Nelson Pestana Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2008). *A Cidade do Funcho – A Primeira Viagem de João Gonçalves da Câmara*. Ilustrações de José Nelson Pestana Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2009). *Pedro Pesquito e a Câmara dos Lobos*. Ilustrações de José Nelson Pestana Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2009). *O Anjo Tobias e a Rochinha de Natal*. Ilustrações de José Nelson Pestana Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2010). *A Fada Íris e a Floresta Mágica*. Ilustrações de Elisabete Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Carvalho, M. A. (2010). *Marta, Xispas e a Gruta Misteriosa*. Ilustrações de José Nelson Pestana Henriques. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Fernandes, F. (2003). *Duas Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado (Uma História da Amizade)*. Ilustrações de Janine R. Fernandes. Funchal: Associação dos Amigos do G.C.E.A./ Secretaria Regional de Educação.
- Fernandes, F. (2003). *As Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado Novamente Juntos! (Uma História sobre o Ambiente)*. Ilustrações de Janine R. Fernandes. Funchal: Associação dos Amigos do G.C.E.A./Secretaria Regional de Educação.
- Fernandes, F. (2004). *As Estrelas-do-Mar e o Peixe Prateado Encontram um Amigo Especial (Uma História sobre a Diferença)*. Ilustrações de Janine R.

- Fernandes. Funchal: Associação dos Amigos do G.C.E.A./ Secretaria Regional de Educação.
- Fernandes, F. (2005). *Diogo Quer Ser Futebolista*. Ilustrações de Luísa Spínola y Filipa Pereira. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Fernandes, F. (2006). *O Peixe Prateado Reencontra o seu Cardume*. Ilustrações de Janine R. Fernandes. Funchal: Associação dos Amigos do G.C.E.A./ Secretaria Regional de Educação.
- Fernandes, F. (2006). *A História de Monakus*. Funchal: Better Way.
- Fernandes, F. A. (2006). *Estrela Perdida*. Ilustrações de Helena Berenguer. Porto: Arca das Letras.
- Fernandes, F. (2007). *Alguém Avisou o Pai Natal?* Ilustrações de Raquel Leitão. Porto: Arca das Letras.
- Fernandes, F. (2007). *Madalena Descobre o Basquetebol*. Ilustrações de Luísa Spínola e Filipa Pereira. Vila Nova de Gaia: Gailivro.
- Fernandes, F.(2008). *O Sonho de Maria*. Ilustrações de David Monteiro. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Fernandes, F.(2008). *Porque Devo Ir à Escola*. Ilustrações de Sílvia Neto Gonçalves. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.
- Fernandes, F. (2009). *Irina*. Ilustrações de Sílvia Neto Gonçalves. Vila Nova de Gaia: 7dias 6noites.

Bibliografia geral

- Diaz Armas, J. (2003). Estratégias de desbordamiento en la ilustración de libros infantiles. Inicialmente publicado em F. L. Viana, M. Martins M. & E. Coquet, *Leitura, Literatura Infantil e Ilustração. Investigação e Prática do Docente 4*. Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
Consultado a 13 de Maio de 2010, in:
www.casadaleitura.org/portalfbeta/bo/.../ot_jesus_diaz_a.pdf.
- Dias Armas, J. (2008). La imagen en pugna con la palabra. *Saber (e) Educar*, Porto: ESE de Paula Frassinetti, 13, 43-57. Consultado a 13 de Maio de 2010, in http://repositorio.esepf.pt/bitstream/handle/10000/155/SeE_13Lalmagen.pdf.
- Biazetto, C. (2008). As cores na ilustração do livro infantil e juvenil. In L. Oliveira (Org.), *O que é qualidade em ilustração no livro infantil e juvenil – com a palavra o ilustrador* (pp. 75-92). São Paulo: DCL.
- Bravo-Villasante, C. (1989). Nuevas corrientes de la literatura infantil. In C. Bravo-Villasante, *Ensayos de Literatura Infantil* (pp. 73-84). Murcia: Universidad de Murcia.

- Calvino, I. (1995). *Seis propostas para o novo milénio*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Camargo, L. (1990). A criança e as artes plásticas. In R. Zilberman (Org.), *A produção cultural da criança* (4ª Ed.) (pp. 147-192). Porto Editora: Mercado Aberto.
- Camargo, L. (2003). A relação entre imagem e texto na ilustração de poesia infantil. Consultado a 5 de Agosto de 2010, in:
<http://www.unicamp.br/iel/memoria/Ensaios/poesiainfantilport.htm>.
- Coelho, N. N. (1991). *Panorama histórico da literatura infanto-juvenil*. São Paulo: Ática.
- Coelho, N. N. (1995). *Dicionário crítico de literatura infantil e juvenil brasileira. Século XIX e XX*. São Paulo: Companhia Editora Nacional.
- Colomer, T. (2002). *Siete llaves para valorar las historias infantiles*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez.
- Coquet, E. (2002). A ilustração tridimensional (as imagens que querem fugir dos livros). In F. L. Viana; M. Martins & E. Coquet (coords), *Leitura, Literatura infantil, Ilustração*. Investigação e Prática Docente 3 (pp.175-182). Braga: Centro de Estudos da Criança da Universidade do Minho.
- Doppert, M. (1985). La ilustración de un relato guajiro. *Parapara*, 11, 1-5, Caracas.
- Diáz-Aguado, M. J. (2000). Educação intercultural e aprendizagem cooperativa. Porto: Porto Editora.
- Duque, B. (2005). *Um livro...Uma história...interculturais*. Lisboa: Gabinete de Educação e Formação do ACIME/Entreculturas.
- Jan, I. (1986). *La littérature enfantine*. Paris : Les Éditions Ouvrières Dessam et Tolre.
- Leite, C & Rodrigues, M. L. (2001). *Jogos e contos numa educação para a cidadania*. Porto: Livpsic.
- Moraes, O. (2008). O projecto gráfico do livro infantil e juvenil. In L. de Oliveira, *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil* (pp. 49-61). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Oliveira, L. (2008). *O contrato de comunicação da literatura infantil e juvenil*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Ouellet, F. (1991). *L'Éducation interculturelle: essai sur le contenu de la formation des maîtres*. Paris: L'Harmattan.
- Pires, N. (1996). Literatura infantil e educação multicultural. *Inovação*, 9, 99-105.
- Zilberman, R. (1987). *A literatura infantil na escola*. São Paulo: Global Editora.